

CARNAVAL 2008



Produtos da modernidade

A gola do caboco de lança passou por enormes modificações em um curto espaço de tempo: materiais mais baratos e a presença da mídia explicam sua transformação espetacular



HISTÓRICA
Zé do Carro, da Gambiella Brasileira, usa gola feita com valinhos, bordada por João Calabrese há mais de 40 anos

Fabiana Moraes
fmoares@com.br

O crescente interesse da mídia pelo caboco de lança, figura que tomou-se em um dos principais cartões-postais do Estado, é uma das responsáveis pela enorme rivalidade entre os guerreiros de hoje. Esta é uma das conclusões do jornalista João Marcelo Silva, da pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que, ao lado da também antropóloga Susana Vieira, coordenadora do programa Culturas Tradicionais do Instituto Nômades, estudou os maracatus da Zona da Mata Norte. "Desde que passaram a chamar mais atenção das câmeras, os cabocos têm investido em golas mais complexas", diz o pesquisador, que escreve um trabalho dedicado especificamente à etnografia desta peça repêta de "significações estéticas, mitológicas, religiosas, sociais, culturais e políticas". Segundo João Marcelo, não é possível, para aqueles que estão de fora, apreender o sentido total que a peça representa para o caboco. Em seu trabalho, ele destaca que a gola representa o poder pessoal, a individualidade do lançador — assim como legitima seus status na comunidade de lança — e seu papel no Carnaval, "portada o pesquisador. Assim, avaliar de maneira negativa os altos investimentos feitos por uma comunidade pobre em uma roupa que é usada apenas uma vez ao ano pode soar, no mínimo, moralista.

A relação vertical entre homens e mulheres na confecção da gola de lança é outro terreno onde os julgamentos são

perigosos — questões essencialmente culturais explicam práticas classificadas como politicamente incorretas no mundo "corrigido" de hoje. Historicamente, o maracatu, tanto o de baque solto quanto o de baque virado, é um lugar de honras. "A participação das mulheres se limita às atividades domésticas e em alguns casos, na preparação espiritual do maracatu", diz Susana Vieira. Segundo ela, mulheres menstruadas não podem tocar na roupa dos brancos; para este, fincas nesta condição tinham o "corpo aberto" — isso significava atropalho espiritual para o lançador ou para o maracatu. Em menor proporção, as mulheres participavam da feitura das fantasias quando não estavam menstruadas", continua a antropóloga. Atualmente, para iniciar no maracatu, as mulheres de alguns grupos tomam chá à base de ervas para antever o ciclo menstrual.

O ingresso feminino no mundo masculino dos cabocos de lança e de pena, no entanto, não significa exatamente uma emancipação para elas. A maior valorização das golas feitas pelos homens, apesar do grande número de mulheres artesãs, é apenas uma das exemplos. "A predominância dos homens na feitura das golas também se deve à dominação a interesses pessoais, no aperfeiçoamento do ofício que também é uma fonte de renda para o artesão", diz Susana.

VOQUE E AXÉ
Uma breve análise da fotografia realizada nos anos 40 por Lala Cardoso Ayres na Zona da Mata Norte (abaixo) mostra como a gola passou por enormes modificações



MUDANÇA
Lala Cardoso Ayres nos anos 40 vestia Axé simples, passos ao espetacular

em um curto espaço de tempo: curta, com pouco brilho, ela era aparafusada. Antis profeta e espelhos eram os elementos mais comuns para a elaboração. Mas tanto o vidrolo e o afre (feitos de forma oval) passaram a ser usados por cabocos com mais dinheiro. Aqui, as golas não podiam ser muito longas. Já que o peso do vidrolo é várias vezes superior ao da lanijaúta. "Briquete com uma gola, que pesava onze quilos", lembra Luiz Calabrese, do Estêrela Brilhante em Aliança. A chegada da lanijaúta, bem mais leve e barata, por volta dos anos 60, pode ser considerada como divisor de águas na "mãe da gola", proporcionando uma maior liberdade estilística aos seus criadores. O artista Maria da Conceição, que faz as golas do Lado Fumoso, é um exemplo. Também costureira, ela se inspira muitas vezes nas revistas de moda que compra ou recebe das clientes que levam os vestidos para ela costurar. "As golas passaram a ser cada vez mais autorais", diz João Marcelo Silva.

As mudanças de estilos e desenhos acontecem principalmente através das mãos dos artesãos mais jovens, a exemplo do ajudante de Mestre Bê, Edson Rodrigues, 26 anos. Com o cabalo tingido de laranja abersitiano, à moda da funk carioca, ele trabalha como fazedor de golas desde 2003, quando largou o emprego de seguridade. "Tem criando um estilo próprio, que reflete alguns 'trouxes' de seu tempo, entre eles a tuitagem. "Faz uns desenhos tribais, sendo modernizados as peças", comenta o Lado de Edson, Emerson, de apenas 12 anos, mostra espiguelo a primeira gola que confeccionou. Vai usá-la no Carnaval, quando integrará o cortejo de mais de 140 cabocos de lança do Lado Vencedor de Caprina. "Tem que ensinar,

ou não fica ninguém para fazer a roupa depois que eu morrer", comenta Bê. Já que pensa em incluir o neto de oito meses no maracatu. "O plano dele já foi guardado".

Do alano de Bê, Roberto de Lima, 28, conhecido como Toni, já conecta a crur fama com seus peças onde borda santes e outras figuras pouco comuns no universo de desenhos aborçados das golas de maracatu. O rapaz, que integra o Estêrela Brilhante de Nazaré da Mata, é extremamente detalhista com suas peças: a gola que vai vestir traz um enorme São Jorge. Nêla, foram gastos \$55 metros de veludo, além de lanijaútas número 6 e 10. Os motivos religiosos são uma constante no trabalho de Toni, que já fez golas com uma Nossa Senhora Aparecida e outra com o Coração de Jesus. Gostosamente, o rapaz não é religioso: sua mãe, evangélica, não permite nenhum santo em casa. "É que eu gosto das imagens mesmo. No próximo ano, vou border uma Santa Gêta".

Enquanto Edson, Emerson e Toni vão dando continuidade, ao seu modo, aos antigos simbolismos do maracatu rural, outros jovens nascidos na Zona da Mata Norte preferem práticas ligadas ao que se considera "vanguarda", atual". Filha de dois artesãos, Edjane da Mata, 27, só saiu dos vestes em um maracatu, quando tinha por volta de 15 e 16 anos. "Eu devia ter ido de meu pai", diz a moça, que passa longas de cabocos e baianos nos dias de folga em sua cidade. Já programou seu Carnaval vai aos shows das bandas Caravêlo Etnico, Excesso de Bagagem e Mureta, que se apresentam nos ritos que pertencem às raças de Nazaré. Já fez a gola. Edjane escolhe o abalo como símbolo que ela vê Nazezi: a uma análise predica condição de modernidade.



FIGURATIVO
Toni, do Estêrela Brilhante, borda elementos religiosos na gola associada a ritos míticos

NOVOS ARTESÃOS
Oito ao halo de Emerson (centro) e Edson (à direita) trouxeram mudanças

Vinte reais para exibir o luxo

O próximo domingo é uma espécie de dia D para os dezais de maracatu de baque solto que se apresentam na cidade, dentro do Concurso de Apuramento realizado pela Prefeitura do Recife. É a hora onde cada grupo mostra para uma série de jurados itens como as roupas e as evoluções de seus integrantes. E há o também de justificar as dívidas feitas para a confecção das peças, dívidas estas que só serão (possivelmente) sanadas durante o resto do ano. Ganhar em cada grupo o saír de "topico" esse, ainda, para muitos dos cabocos, como motivo para pensar em uma nova gola e iniciar uma série de novas privações cotidianas.

Desde 2005, os maracatus de baque solto, assim como outros apuramentos, foram classificados dentro dos chamados grupos 1, 2 e especial. Desde último, apenas cinco podem participar, o que é uma, assim, um Olímpico imaginário dos maracateiros. Atualmente, o Caminhado Nova (Nazaré da Mata), o Estêrela do Ouro (Aliança), o Caminhado Braskira (Nazaré), e o vencedor do grupo 1 em 2007, o Coração do Forte (Bela Vista). Na apresentação que acontece na Avenida Nossa Senhora do Carmo (Centro) no domingo, a partir das 18h30, o grupo que fica em 2º lugar "desce" para o grupo 2. "Avançam a categoria, o que significa, a rigor, o status e o prestígio, entre outros itens", explica Olenair Araújo, que integra o conselho de organização do Carnaval na PGR. Os jurados que vão avaliar quem permanece e quem sai do espetáculo vêm de vários setores artísticos da cidade. Antônio Fernando (avaliador), Catriona, cabocreira, barra, caboco de penca, Carlos Sales e Sullino Castro (jurado técnico), Elizabeth Vale (core), Rudimar Gonsalves (fantasia) e Vera Paulino (dama do peço) são alguns deles.

As contrários do especial, os grupos 1 e 2 não serão

» POR DENTRO DA GOLA

» História
No passado, a gola tinha lugar de destaque na indumentária do maracatu de baque solto, como o início do século 20, as brincadeiras já traziam homens vestidos com golas curtas e enfeitadas com pedaços de vidro (semelhantes às usadas pelas Meteus e de Bealito do cavalo-marinho). Hoje, a peça é símbolo por excelência do caboco de lança.

» Como é feita uma gola
O veludo, já cortado de acordo com o modelo da gola, é dobrado ao meio. Depois, desenha-se em apenas um lado que vai se alisar para a outra A gola é novamente dobrada e o atrelado à leveza batida no tecido para fazer um acabamento do traçado do nome lado do pano. Assim, é garantido simetria das imagens, um aspecto importantíssimo na realização da peça. O recado do desenho é realizado com as lanijaútas brancas (telas). Só depois de que os traçados vão sendo preenchidos com as cores escolhidas. Por último, colma-se a franja, feita de 10. O nome de chita ou TNT, é costurado antes da aplicação das lanijaútas e miçangas.

» Os desenhos
O chamado anis-solado (símbolo com seta ponteira) é entrelaçado com as golas. Além de servir como símbolo de proteção do maracatu, ele também orienta a própria disposição do grupo durante a apresentação na rua. A estrela de cinco pontas também é frequente na peça no Recife. Dourada (ao lado), ela é sempre vista no peito do lançador.

Muitos artesãos se inspiram na natureza: flores e plantas são alguns dos elementos mais utilizados nas golas de traços aborçados. Desenhos vistos em calçadas, contornos e grafismos também servem como inspiração. Mestre Bê, do Lado Vencedor de Caprina, diz que já fez golas inspiradas nas calçadas visto no entorno de Beilica de Penha, no Centro da cidade.

Os desenhos figurativos vêm sendo cada vez mais vistos nas golas. Bandeiras, imagens de santos e até símbolos convencionais (como a marca da Coca-Cola) são usados nas golas. Na Zona da Mata Norte, os representantes deste estilo Dorca Conceição (Lado Fumoso), Toni (Etnica Kuriúre) e Nazareno de Nazaré da Mata. Em sua gola, a Católica de Nazaré da Mata, vereadora, levou e imagens sacras não comuns.

Mestre Reginaldo e a arte de quem faz o estandarte

Reginaldo Bandeira, 63 anos, está embelezando não tem nenhuma bandeira, como o estandarte de um momento chamado na Zona da Mata Norte, que o agrada no momento em que os juristas chegam à sede do maracatu Lado Vencedor da Floresta, em Lagoa do Carro. Com uma quadriculada amarela, ele explica que a peça na qual trabalha atualmente está sendo feita com o brilho e o acabamento conseguidos pelos integrantes de Bagagem e Mureta, que se apresentam nos ritos que pertencem às raças de Nazaré. Já fez a gola. Edjane escolhe o abalo como símbolo que ela vê Nazezi: a uma análise predica condição de modernidade.

Reginaldo cobra R\$ 600 para fazer estandartes com cerca de dois metros de altura. Costuma usar espuma, lã, veludo, lanijaúta comum, lanijaúta-unita, gola de rifa e veludo branco. Quando termina, decora a bandeira com as franjas também vistas nas golas e finaliza o trabalho decorando o alto da bandeira com capela, onde são colocadas as flores. As formas vistas em suas peças nascem a partir da observação do pró-

ARTESAO
Tem trabalho nos dias dos maracatus e "chapei" de o banderista

Reinaldo Bandeira, 63 anos, está embelezando não tem nenhuma bandeira, como o estandarte de um momento chamado na Zona da Mata Norte, que o agrada no momento em que os juristas chegam à sede do maracatu Lado Vencedor da Floresta, em Lagoa do Carro. Com uma quadriculada amarela, ele explica que a peça na qual trabalha atualmente está sendo feita com o brilho e o acabamento conseguidos pelos integrantes de Bagagem e Mureta, que se apresentam nos ritos que pertencem às raças de Nazaré. Já fez a gola. Edjane escolhe o abalo como símbolo que ela vê Nazezi: a uma análise predica condição de modernidade.

Reginaldo cobra R\$ 600 para fazer estandartes com cerca de dois metros de altura. Costuma usar espuma, lã, veludo, lanijaúta comum, lanijaúta-unita, gola de rifa e veludo branco. Quando termina, decora a bandeira com as franjas também vistas nas golas e finaliza o trabalho decorando o alto da bandeira com capela, onde são colocadas as flores. As formas vistas em suas peças nascem a partir da observação do pró-

prío dia-a-dia. "Eu vejo um tapete, uma roupa, uma casa. Giro o desenho na cabeça e desenho de um papel. Depois, vou aumentando para colocar na bandeira", conta. Antes de começar a ser bordado, o estandarte é bordado no chão, onde é riscado com uma caneta que vai formando losangos. Está feita a base no qual o caboco inteiro todo o seu trabalho, uma arte que costuma levar 15 dias para ser finalizada. Como o artesão recebe investimento estimado a pouco mais da folia, de precisa obter dias e noites para garantir seu ganha-pão, que só é mais garantido na época do Carnaval. Resignado com a condição aperta na qual vive, o banderista sabe que é uma artefista em sua especialidade, reconhecida antes de tudo como um trabalho pelo próprio artesão. "Tem vários estandartes meus decorados as casas dos vizinhos daqui", conta.

EXPOSIÇÃO
Todos os fatores da gola presentes neste reportagem, além do próprio Reginaldo, também fazem parte especiais. Lúcia do Caminhado Braskira (8604-2959); Ernando (9294-8439 ou 8944-7689); Mestre Bê (8908-6130 ou 9658-5709); Reginaldo Bandeira (também fazedor de gola, de contato pelo 9159-5569); Adalgas (9633-2337); Toni (9636-5280) e Mestre Brankira, do Estêrela Brilhante (9914-4300). Atualmente, é possível ver o trabalho de alguns deles na exposição Maracatu dos Mestres, que acontece até o fim de fevereiro no Shopping Guararapes, em Jaraguá. Lá estão muitos seus trabalhos bordados por Mestre Brankira, Ernando Francisco, Dorca Conceição, Ana Lúcia da Silva, Dorca Lacinha e Dona Marta. Gola de Costa. Os desenhos e grafismos das peças foram criados por Ariano Sussumu, Gálio Cláudio, Tereza Costa Rego, Thiana Cunha, Margot Monteiro e Sérgio Edeburn. (F.M.)